



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 02/10/2026 e 08/10/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
02/10/2026	12,78	344,70	68,21	6,83	4,97
05/10/2026	12,80	345,90	68,95	6,92	4,97
06/10/2026	13,03	353,40	69,58	7,04	5,08
07/10/2026	12,97	365,90	67,42	6,86	5,02
08/10/2026	12,87	360,70	67,62	6,83	5,00
Média	12,89	354,12	68,36	6,90	5,01

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	136,00	
RS – Não-Me-Toque	SC	
PR – Pato Branco	138,00	
PR – M.C.Rondon	135,00	
MT – C.N.Parecis	137,00	
MS – Maracaju	144,00	
GO - Rio Verde	134,00	
BA – L.E.Magalhães	133,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	66,00	CIF
Porto de Paranaguá	69,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Nonoai	62,00	
SC – Rio do Sul	63,00	
PR – M.C.Rondon	52,00	
PR – Pato Branco	59,00	
MT – C.N.Parecis	52,00	
MS – Maracaju	56,00	
SP – Itapetininga	62,00	
SP – Campinas	68,00	CIF
GO – Rio Verde	54,00	
GO – Jataí	54,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	SC	
RS – Não-Me-Toque	SC	
PR – Pato Branco	82,00	
PR – M.C.Rondon	79,00	

Período: 07/10/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 08/10/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,44	139,71	74,47

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
08/10/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	80,69
Feijão (saco 60 Kg)	204,60
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,21
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,65**
Boi gordo (Kg vivo)*	12,44

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Agosto/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Enquanto o mercado esperava o relatório de oferta e demanda do mês de outubro, previsto para o dia 09 (sexta-feira), as cotações da soja, em Chicago, se mantiveram abaixo dos US\$ 13,00/bushel em grande parte desta semana. O fechamento da quinta-feira (08) ficou em US\$ 12,87, contra US\$ 12,84/bushel uma semana antes.

O mercado acompanha com atenção a colheita da oleaginosa nos EUA. A mesma, até o dia 04/10, atingia a 25% da área semeada, contra 33% na média histórica, confirmando seu atraso pelo excesso de chuvas dias atrás. Das lavouras ainda a colher, 57% estavam entre boas a excelentes, 29% regulares e 14% entre ruins a muito ruins.

Já as exportações estadunidenses, na semana encerrada em 24 de setembro, atingiram a 1,03 milhão de toneladas, ficando acima do esperado pelo mercado. A China novamente foi o maior comprador, com 589.400 toneladas, mesmo com o fato de a soja ter ficado de fora da redução de tarifas anunciada pelo governo chinês para outros produtos agrícolas norte-americanos. Já o farelo de soja estadunidense registrou cancelamentos de exportação na altura de 51.100 toneladas da safra 2025/26, o menor resultado do ano comercial. Para o ano 2026/27, entretanto, foram registradas vendas de 212.700 toneladas, tendo Guatemala, Filipinas, México, Colômbia e Canadá como principais compradores. Por sua vez, as vendas de óleo de soja estadunidense foram bastante reduzidas. Somente 200 toneladas negociadas da safra 2025/26, todas para o Canadá. O volume representa queda de 89% em relação à semana anterior e de 76% frente à média das quatro semanas anteriores. Da nova safra não foram informadas novas vendas.

Em Chicago, a soja passou por ajustes técnicos (correção de mercado), após as fortes altas dias atrás, acompanhando principalmente o óleo, que recuou para 67,42 centavos de dólar por libra peso no dia 07/10, após 69,58 na véspera. Por sua vez, após três semanas de chuva, o clima voltou a melhorar no Meio Oeste estadunidense, favorecendo a colheita nesta semana. Enfim, a valorização do dólar no cenário global tira competitividade das commodities estadunidenses na exportação.

Já no Brasil, os preços recuaram bastante. A vitória de Flávio Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras, mesmo havendo segundo turno no dia 25/10, derrubou o dólar. Com isso, o Real chegou a ser cotado a R\$ 4,97 por dólar durante a semana, forçando um recuo nos preços de exportação. A soja gaúcha chegou a bater em R\$ 136,00/saco, porém, a média do Estado fechou a semana em R\$ 139,71, após R\$ 142,00/saco na semana anterior. Já nas demais praças nacionais a oleaginosa oscilou, na semana, entre R\$ 133,00 e R\$ 144,00/saco, dependendo da região do país. Nos portos brasileiros, graças a prêmios firmes, os preços oscilaram entre R\$ 155,00 e R\$ 160,00/saco.

Em paralelo, o plantio da soja no Brasil, avança. No Mato Grosso do Sul o mesmo atingiu a 18% da área esperada, com o Estado estimando uma área total de 4,87 milhões de hectares em 2026/27, o que representa um aumento de 5,5% sobre o ano anterior. Em clima normal, a expectativa é de uma colheita de 15,3 milhões de toneladas no Mato Grosso do Sul. No Mato Grosso, segundo o Imea, a projeção de colheita é de 48,9 milhões de toneladas, sobre uma área semeada de 13,05 milhões de

hectares, esperando-se uma produtividade média de 62,4 sacos/hectare. Em termos gerais do Brasil, o plantio chegou a 9,4% da área esperada até o dia 02/10, superando a média histórica de 8,8% para a data (cf. Conab).

Por outro lado, a indústria de soja brasileira registrou aumento de 13,1% na capacidade de processamento em 2026, sobre o ano anterior, com o setor se beneficiando da demanda por farelo e óleo. A capacidade do setor cresceu para 86,4 milhões de toneladas de soja ao ano, o que excede o processamento projetado para 2026, estimado em recorde de 63,5 milhões de toneladas. Este salto se deve especialmente ao aumento na demanda de óleo para biodiesel. “No Brasil, o óleo de soja responde pela maior parte da matéria-prima utilizada para a fabricação de biodiesel. O país é também o segundo exportador global de farelo de soja, produto que tem forte demanda interna como ingrediente para a ração utilizada pela cadeia de carnes”. Por sua vez, já anúncios de investimentos ao redor de R\$ 7,65 bilhões no país. Esses projetos de expansão e de novas unidades, com possibilidade de entrar em operação em um período de 12 meses, devem elevar adicionalmente a capacidade em 7,4 milhões de toneladas/ano. O total de plantas ativas cresceu de 131 em 2025 para 148 em 2026, enquanto as unidades paradas caíram de 12 para 6. O Centro-Oeste segue como destaque, sendo responsável por 42,9% da capacidade nacional de processamento, enquanto o Mato Grosso lidera entre os Estados, respondendo por 21,6% do total (cf. Abiove).

MERCADO DO MILHO

O bushel de milho, na Bolsa de Chicago, voltou a ultrapassar o teto dos US\$ 5,00 durante a corrente semana. O fechamento desta quinta-feira (08), véspera do anúncio do novo relatório de oferta e demanda do USDA, ficou em US\$ 5,00, contra US\$ 5,02 uma semana antes.

Dito isso, até o dia 04/10, a colheita do milho nos EUA atingia a 23% da área semeada, contra a média histórica de 27%. As condições das lavouras que ainda estavam por colher apresentavam apenas 54% entre boas a excelentes, 28% regulares e 18% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, as exportações de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 24/09, atingiram a 536.000 toneladas, ficando próxima do mínimo esperado pelo mercado.

Enquanto isso, no Brasil, o preço do cereal se mantém firme, com as principais praças gaúchas registrando R\$ 62,00/saco. Já no restante do país, tais preços oscilaram entre R\$ 52,00 e R\$ 63,00/saco.

Destaque para o encerramento da colheita da safrinha no Brasil. O Mato Grosso do Sul aponta uma produtividade média de 122,8 sacos/hectare e uma produção final estimada em 16,2 milhões de toneladas. Em termos de todo o Brasil, a Conab aponta um volume final (ainda sujeito a revisões) de 112,1 milhões de toneladas para 2025/26, contra 113,2 milhões no ano anterior. Já o plantio da safra de verão 2027 teria chegado a 30,8% da área esperada até o dia 02/10. Este percentual supera os 29,1% registrados na mesma época do ano passado e a média de 27,9%.

Dito isso, as exportações brasileiras de milho perderam força justamente agora em que há maior disponibilidade do cereal. Com isso, torna-se cada vez mais difícil o país atingir o total de 38 milhões de toneladas esperadas para o atual ano comercial. Segundo a Secex, em setembro o Brasil exportou 5,21 milhões de toneladas, volume este 31,1% abaixo do executado em setembro do ano passado. No trimestre de julho a setembro o país embarcou 11,8 milhões de toneladas, contra 16,8 milhões no mesmo período do ano anterior. Isso representa quase 30% a menos exportado. Assim, o total embarcado nos nove primeiros meses do corrente ano (janeiro a setembro) atingiu a 19,7 milhões de toneladas, contra 23,3 milhões no mesmo período de 2025. São 3,6 milhões de toneladas a menos exportadas neste ano, até setembro. Uma das explicações para este fato se encontra no aumento da concorrência externa, especialmente da Argentina. Além disso, com a guerra, a demanda do Irã diminuiu e este país é o principal comprador brasileiro de milho. Diante deste quadro, o mercado espera que o total exportado em milho, neste ano, fique em 38 milhões de toneladas e não mais em 43 milhões. Lembrando que a Argentina deverá colher entre 68 a 72 milhões de toneladas de milho, esperando exportar 43 milhões entre março/26 e fevereiro/27 (seu ano comercial).

Além disso, a recente valorização do Real tende a tirar competitividade do milho brasileiro para exportação. Pelo sim ou pelo não, o fato é que o Brasil terá que acelerar em muito suas vendas externas, nesse restante de ano, para alcançar a nova meta de exportação. Seria preciso alcançar cerca de 17 milhões de toneladas exportadas entre outubro e janeiro, mês em que se encerra o atual ano comercial 2026/27 no Brasil. Esta possível sobra de milho vindo da menor exportação poderá fazer pressão baixista sobre os preços nacionais, mesmo com o aumento da demanda interna. Assim, segundo o mercado, mais do que o tamanho da demanda nacional, a quantidade e a localização dos compradores passam a ser determinantes para a formação dos preços.

Enfim, o Brasil se tornou o maior fornecedor de milho para a China, desde 2023. Porém, o mercado vem se reduzindo na medida em que o cereal diminui sua participação na alimentação animal. Assim, o produto brasileiro chega à China com custo competitivo, porém, sua força sobre os preços dependerá de quanto os chineses realmente importarão. Em outubro, o custo estimado do milho brasileiro entregue na China, dentro da cota de importação, é de US\$ 332,00/tonelada. Já o milho disponível no mercado chinês fica em torno de US\$ 360,00. Nessa comparação, comprar milho do Brasil custa menos ao comprador chinês do que adquirir o cereal no mercado local.

A vantagem também aparece diante dos Estados Unidos. Mesmo no cenário de retirada do adicional tarifário de dez pontos percentuais, o milho americano chegaria a US\$ 349,00 por tonelada pela Costa Oeste e a US\$ 370,00 pelo Golfo. O produto brasileiro continuaria US\$ 17 e US\$ 38 por tonelada mais barato, respectivamente.

Essa diferença indica que uma eventual redução das tarifas chinesas sobre o milho americano não eliminaria automaticamente a competitividade brasileira. Contudo, o Brasil também enfrenta concorrência: o milho argentino aparece com custo estimado de US\$ 313 por tonelada, portanto, abaixo do brasileiro. Mas o ponto de atenção mais importante para o agricultor está na composição das rações chinesas. A participação do milho caiu de 47% em janeiro para 29% em agosto, com trigo, cevada e sorgo ocupando parte desse espaço. Na prática, as fábricas de ração chinesas estão

recorrendo a outros ingredientes para alimentar os animais. Isso reduz a necessidade de milho em relação a uma situação na qual o cereal mantivesse sua participação anterior. Assim, ganhar de outros fornecedores é positivo, mas o efeito sobre os preços fica limitado quando o comprador utiliza menos cereal nas rações. Isso exige cautela neste mercado, especialmente porque, até julho, “a China havia utilizado apenas 1,4 milhão de toneladas de sua cota de importação de milho, de 7,2 milhões de toneladas. A existência de espaço nessa cota, por si só, não significa que haverá compras para preenchê-la” (cf. Terra Investimentos).

Enfim, o avanço brasileiro no mercado chinês também passa por produtos que concorrem com o milho na alimentação animal. Há um potencial de exportação de 2 milhões a 3 milhões de toneladas de sorgo brasileiro para a China em 2026, sendo que as ofertas brasileiras de sorgo em agosto estavam entre US\$ 300,00 e US\$ 310,00 por tonelada, diante de US\$ 391,00 por tonelada do produto estadunidense. O Brasil também respondeu por 100% dos DDGS importados pela China em 2026, até julho. Os DDGS são um ingrediente para ração obtido no processamento de grãos para a produção de etanol. Essa participação se refere às importações chinesas desse produto, e não ao conjunto do mercado de rações. Para a cadeia brasileira do milho, esse movimento tem dois efeitos. Na China, os ingredientes alternativos podem limitar as compras do cereal. No Brasil, a venda dos coprodutos pode melhorar a receita das usinas e favorecer economicamente o processamento de milho, contribuindo para sustentar a demanda industrial. Desta forma, o principal sinal a acompanhar é a passagem da competitividade para a compra efetiva. O milho brasileiro tem vantagem para disputar o mercado chinês. Para que essa vantagem valorize o produto nacional, precisa resultar em demanda suficiente para absorver a oferta (cf. Terra Investimentos).

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, em Chicago, fechou a quinta-feira (08) em US\$ 6,83/bushel, contra US\$ 6,82 uma semana antes. As pressões de altas anteriores vieram pelo atraso no plantio atual nos EUA e pelas preocupações quanto a logística de embarques no Mar Negro. Durante a corrente semana, houve ajustes técnicos, enquanto o mercado espera o relatório de oferta e demanda do dia 09/10. Ao mesmo tempo, a previsão de clima mais seco nos EUA levou o mercado a especular sobre a possibilidade de aceleração do plantio do trigo de inverno. Nesse sentido, o plantio estava em 36% da área esperada, até o dia 04/10, contra a média de 46% para esta data.

Dito isso, os EUA exportaram 289.300 toneladas de trigo na semana encerrada em 24/09, registrando uma alta de 8% em relação à semana anterior e de 5% frente à média das quatro semanas anteriores. México, Filipinas, Singapura, Indonésia e Peru foram os principais compradores.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que, em Chicago, nestes primeiros seis dias úteis de outubro a cotação do trigo vem oscilando abaixo dos US\$ 7,00/bushel para o primeiro mês cotado, após grande parte do mês de setembro ficar acima deste patamar.

Já no Brasil, os preços do cereal, diante da confirmação de uma safra bem menor, devido à forte redução de área semeada e, agora, diante das perdas climáticas, estão em alta. O produto de qualidade superior trabalhou, nesta semana, entre R\$ 75,00 e

R\$ 78,00/saco nas principais praças gaúchas e entre R\$ 79,00 e R\$ 82,00/saco junto às principais praças paranaenses.

Efetivamente, a colheita da safra brasileira de trigo avança em meio a perdas de produtividade e, principalmente, de qualidade em diferentes regiões produtoras. A Conab aponta danos irreversíveis em áreas do Rio Grande do Sul e trigo abaixo do padrão esperado em São Paulo. Já no Paraná, segundo o Deral, existe a predominância de classificação de menor qualidade em parte das áreas. O cenário ganha importância em um momento no qual o mercado brasileiro já registra menor disponibilidade de trigo de melhor padrão, enquanto a indústria projeta maior dependência das importações para complementar o abastecimento nacional.

Segundo a Conab, 36,4% da área brasileira de trigo havia sido colhida até 2 de outubro. O ritmo supera os 31% registrados no mesmo período do ano passado e também a média de 34,6% das últimas cinco safras, mas deixa quase dois terços das lavouras ainda por colher em um cenário de excesso de umidade e novas precipitações ocorrendo na região Sul. De fato, as instabilidades continuam neste momento, com previsão de chuvas em até 200mm no Rio Grande do Sul para este final de semana, além de ventos fortes e granizo em algumas regiões.

No Rio Grande do Sul, até o dia 08/10 cerca de 4% das lavouras estavam colhidas, contra a média de 3%. Como informado na semana passada, as primeiras áreas colhidas, no norte do Estado, apontaram uma produtividade média de apenas 38 sacos/ha, para um trigo com PH 74, lembrando que o mínimo necessário para panificação é PH 78. E o avanço na colheita não tem mostrado melhorias neste quadro (cf. Emater).

Já no Paraná, segundo maior produtor nacional, a colheita chegou a 70% da área até 5 de outubro. Também foram registradas produtividades abaixo do esperado e predominância de classificação de menor qualidade em parte das áreas. O risco permanece nas lavouras mais tardias. Em São Paulo, o quadro é mais crítico. As fortes chuvas comprometeram as lavouras e praticamente todo o volume já colhido apresenta qualidade abaixo do padrão esperado.

A produção nacional está prevista em 5,5 milhões de toneladas, sendo que boa parte será de produto de qualidade inferior. Assim, a importação deverá crescer ainda mais, havendo estimativas que batem em 9 milhões de toneladas para 2026/27. Na semana passada ainda se falava em 8 milhões a serem importadas.

Para o Brasil, portanto, o avanço da colheita nas próximas semanas será importante não apenas para definir o tamanho final da safra, mas também quanto trigo de melhor qualidade estará disponível à indústria nacional em um ciclo de maior dependência do mercado externo. Para os produtores, os preços melhores serão apenas para quem obter trigo de qualidade superior. O restante poderá obter preços bem menores e, em muitos casos, preços de trigoilho, ou seja, produto para ração animal.

Neste momento, para os moinhos, a necessidade de ampliar as compras no exterior exige atenção aos prazos de reposição, às condições de transporte e à variação do câmbio. A concentração da demanda em períodos mais curtos, somada às incertezas geopolíticas e aos custos de frete e seguros, torna mais complexo o planejamento da

aquisição de matéria-prima (cf. Abitrigo). A recente valorização do Real favorece as importações e tende a travar a melhoria dos preços internos do cereal.

No Rio Grande do Sul, os raros negócios com trigo antigo ocorrem a R\$ 1.550,00/tonelada no interior, mas vendedores pedem R\$ 1.600,00. Para a safra nova, moinhos oferecem R\$ 1.400,00. Um navio de trigo uruguaio é esperado em outubro, e o último preço conhecido do importado foi de US\$ 305,00/tonelada em Rio Grande. Em Santa Catarina, moinhos relatam falta de trigo de qualidade e reajuste de 11,5% nas farinhas, considerado insuficiente. O cereal gaúcho é ofertado naquela praça a R\$ 1.600,00, mais R\$ 180,00 de frete, e o paranaense a R\$ 1.600,00 com incerteza sobre a qualidade. E no Paraná quase não há oferta da safra velha, exceto sobras de sementes negociadas a R\$ 1.600,00/tonelada FOB. Na safra nova, parte dos lotes colhidos no norte e oeste apresenta PH ou falling number baixos, e há áreas abandonadas após germinação. Produtores buscam renegociar contratos e os moinhos já apresentam tabelas de descontos. Para o trigo tipo 1, as indicações são de R\$ 1.550,00/tonelada para entrega em setembro, R\$ 1.500,00 em outubro e R\$ 1.450,00 em novembro, embora as ofertas desse padrão tenham desaparecido. O trigo paraguaio chegou a US\$ 320,00/tonelada nos Campos Gerais, e o argentino, a US\$ 325,00 em Paranaguá (cf. TF Agrônômica).